

Planejamento Baseado em Capacidade e Transformação da Defesa do *Bundeswehr*

Capacity Based Planning and Bundeswehr Defense Transformation

Fernanda das Graças Corrêa*

RESUMO:

Muitos países e organizações militares internacionais têm adotado o Planejamento Baseado em Capacidades (PBC) como parte de seu processo de Transformação da Defesa. Neste terceiro ensaio, foi estudado como o processo de transformação militar das Forças Armadas alemãs e como o PBC tem contribuído para tornar as Forças Armadas alemãs a serviço de organizações internacionais, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Organização das Nações Unidas e a União Européia, mais eficientes em missões de intervenção fora do continente europeu, se adequado à política orçamentária e aos processos de aquisição de armamentos da Alemanha. O PBC é parte do processo de transformação da defesa do *Bundeswehr* e, sem dúvida, este é parte da Grande Estratégia da Alemanha para reformar o Conselho de Segurança da ONU e participar pró-ativamente de processos políticos decisórios globais.

Palavras-chave: Transformação Militar; PBC; Intervenções Militares; Alemanha.

ABSTRACT

Many countries and international military organizations have adopted Capability Based Planning (PBC, acronym in Portuguese) as part of their Defense Transformation process. In this third essay, it was studied how the military transformation process of the German Armed Forces and how the PBC has contributed to making the German Armed Forces at the service of international organizations such as the North Atlantic Treaty Organization (NATO), the United Nations (UN) and the European Union (EU), more efficient in intervention missions outside Europe, if appropriate to Germany's budgetary policy and arms procurement processes. The PBC is part of the Bundeswehr Defense Transformation process and undoubtedly this is part of Germany's Grand Strategy to reform the UN Security Council and proactively participate in global policy making processes.

Keywords: Military Transformation; Capacity based planning; Military Interventions; Germany.

* Pós-doutora em Ciências Militares pela ECEME, doutora em Ciência Política na área de concentração em Estudos Estratégicos pela UFF, pesquisadora do GT Ciência, Tecnologia e Inovação & Gestão (CTI&G) em Defesa - perspectivas e desafios para o Brasil e pesquisadora sênior na área de Planejamento Estratégico e Gestão de Defesa do Centro de Estudos Estratégicos do Exército Brasileiro.

Sumário Executivo

Este é o terceiro ensaio científico de uma série de textos que têm sido publicados na revista *Análise Estratégica* pelo Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEEx) na linha de pesquisa Planejamento Estratégico & Gestão da Defesa no biênio 2019/2020. Em virtude da ascensão de novos atores, em especial, a partir do início do século XXI, diversos fatores, como o ambiente de incerteza, operações conjuntas das Forças Armadas, fluxo irregular de recursos entre outros, modernização e reaparelhamento militar, diversos países e organizações militares internacionais têm adotado o Planejamento Baseado em Capacidades (PBC) no sistema de planejamento estratégico de suas Forças Armadas.

No primeiro ensaio publicado por esta autora na revista *Análise Estratégica* no ano 2019, analisou-se o processo de transformação da defesa e a implantação do PBC nas Forças Armadas chilenas. Tomando por base o inovador conceito de segurança ampliada, as Forças Armadas chilenas têm desenvolvido capacidades e programas de modernização para atuar em diversos cenários nas áreas de interesse geoestratégico do Chile. O objetivo principal da adoção do PBC no Chile foi o fluxo orçamentário contingenciado.

No segundo ensaio, o caso analisado foi o processo de transformação da defesa e a implementação do PBC nas Forças Armadas francesas. Na França, o PBC é um instrumento metodológico para gerenciar processos e programas de empresas e organizações civis e militares. Além disso, as Forças Armadas francesas empregam o PBC como instrumento metodológico objetivando garantir a superioridade e liderança tecnológica, a independência e autonomia da sua base industrial de defesa e soberania do território francês dentro e fora do continente europeu.

Neste terceiro ensaio, o objetivo do estudo é analisar o processo de transformação da defesa e a implementação do PBC nas Forças Armadas da Alemanha. Em virtude de receber cada vez mais convites de organismos internacionais para participar de missões militares, a Alemanha se especializou, de forma peculiar, no gerenciamento de crises e na prevenção de conflitos no exterior. Há um consenso tanto no Parlamento quanto na própria sociedade que os interesses nacionais da Alemanha quase sempre coincidem com os interesses da União Europeia. Estes interesses refletiram na adoção e implementação do PBC no novo planejamento estratégico a partir de 2004 nas Forças Armadas. Claramente, é possível identificar que a definição de capacidades e subcapacidades militares é parte do processo de transformação da defesa na Alemanha. No entanto, mais claro ainda é a relação do processo de transformação da defesa com a Grande Estratégia da Alemanha para se tornar um *player* global.

1. Alemanha Ocidental e OTAN

A criação de duas Alemanhas na Europa no Pós Guerra de 1945 é fruto da incompetência dos países Aliados (EUA, França, Inglaterra e União Soviética) em administrar a região de forma conjunta. Em 1949, foram criadas a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), e a República Democrática Alemã, (Alemanha Oriental). Neste mesmo ano foi criado também a OTAN; porém, tratava-se de uma aliança em que os doze países membros

apenas se comprometiam a tomar medidas adequadas caso ocorresse algum ataque externo contra qualquer um dos seus membros. Segundo Helga Haftendorn,

em 1949, falar sobre a adesão da Alemanha à OTAN arriscava gerar reações tão negativas, que era contraproducente fazê-lo. No entanto, tanto em Washington como em Bona, estas ideias eram já alimentadas. Os Estados Unidos pretendiam utilizar os meios humanos alemães para reforçar a modesta presença militar deixada para trás na Alemanha, em tarefas de

ocupação, depois de o grosso das forças envolvidas na guerra ter sido retirado e desmobilizado. Mas até as sugestões cautelosas dos Estados Unidos para que se considerasse a contribuição militar alemã deparavam com uma forte oposição francesa. Decorridos menos de 5 anos após a Segunda Guerra Mundial, ninguém em França podia considerar o rearmamento alemão. (2005)

A Guerra da Coreia se tornou um ponto de inflexão para os países membros e tornou possível, além da criação de uma estrutura política, comando conjunto, organização sistemática e complexa e forças militares próprias da Organização, a possibilidade da adesão da Alemanha Ocidental como membro da OTAN em 1954.

Bundeswehr é o nome alemão atribuído às Forças Armadas da Alemanha¹. A Lei Fundamental da República Federal da Alemanha, criada em 1949, limitava o rearmamento alemão. O *Bundeswehr* era composto pelo *Deutsches Heer* (Exército alemão), pela *Deutsche Marine* (Marinha da Alemanha) e pela *Deutsche Luftwaffe* (Força Aérea alemã). Ainda havia desconfianças de que esse rearmamento era uma possibilidade. A França era um dos países relutantes em aceitar a Alemanha Ocidental como membro da OTAN; contudo, condicionou o aceite destes soldados alemães não defendessem o seu território, mas sim, integrassem um contingente europeu, chefiado por um ministro da defesa europeu. Ali estavam sendo lançadas as bases da criação da Comunidade Europeia de Defesa. Em outubro de 1954, a Alemanha Ocidental recebeu o convite para se tornar membro da OTAN. No ano seguinte, a Alemanha Oriental passou a ser membro do Pacto de Varsóvia. Nesse sentido, para os EUA manter a Alemanha Ocidental como aliado político-militar na OTAN era estratégico.

Após a reunificação das duas Alemanhas com a Queda do Muro de Berlim em 1990, tanto a Lei Fundamental da República Federal da Alemanha quanto o

Bundeswehr, apesar de terem sofrido algumas reformas, permaneceram após o processo de reunificação do país. A Alemanha unificada manteve todos os acordos e tratados assinado pela Alemanha Ocidental anteriores a Queda do Muro de Berlim e passou a integrar também a OTAN. O *Bundeswehr* passou a ser constituído pelo Exército, pela Marinha, pela Força Aérea, pelo *Sanitätsdienst* (Serviços Médicos)², pelos *Streitkräftebasis* (Serviço de Apoio Conjunto)³ e o *Kommando Cyber - und Informationsraum* (Comando do Espaço Cibernético e de Informação)⁴. Atualmente, o *Bundeswehr* é composto por 182.019 militares da ativa.

2. A participação da Alemanha em intervenções humanitárias e militares internacionais na década de 1990

A partir da década de 1990, os principais objetivos do *Bundeswehr* estavam concentrados no gerenciamento de crises e na prevenção de conflitos no exterior.

Na Guerra do Golfo, em 1991, enquanto uma coalizão internacional constituída por 34 países sob a liderança dos EUA expulsou tropas militares iraquianas do Kuwait, a Alemanha, ao invés de enviar tropas militares, contribuiu apenas com apoio financeiro com a coalizão.

No ano de 1993, a *Bundeswehr* participou na missão humanitária e de manutenção da paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no Camboja e na

² Diferente da maioria dos países em que cada Força Armada dispõe de serviços médicos profissionais, na Alemanha, há um comando conjunto de serviços médicos profissionais que atende a todas as Forças Armadas.

³ Criado em outubro de 2000, é o ramo responsável pelas tarefas logísticas e organizacionais do *Bundeswehr* composto por uma série de comandos associados ao combate, como os comandos militares distritais responsáveis pela defesa territorial alemã e pela supervisão nacional de operações militares alemãs ativas além da área da OTAN.

⁴ Ramo das Forças Armadas da Alemanha criado em abril de 2017 para reorganizar as áreas cibernética, de tecnologia da informação, inteligência militar, geoinformação e unidades de comunicação da *Bundeswehr*.

¹ Criado em 1955, análoga e institucionalmente, equivale ao Departamento de Defesa estadunidense ou ao Ministério da Defesa brasileiro.

missão da OTAN sob um mandato do Conselho de Segurança da ONU na aplicação militar da zona de exclusão aérea sobre a Bósnia.

Mas a ausência de uma estratégia face às novas exigências e expectativas dos aliados assim como a forte resistência interna, no Bundestag e na opinião pública, a uma participação militar, particularmente na Bósnia, forçou a adoção de um veredito do Tribunal Constitucional Federal. A decisão de 12 de julho de 1994 estipulou a legalidade da participação da *Bundeswehr* em operações fora de área, em missões da NATO e da ONU. (DAEHNHARDT, 2013)

Após a Queda do Muro de Berlim, o *Bundeswehr* participou pela primeira vez na história do pós-guerra de uma missão no exterior a convite da OTAN: Guerra do Kosovo.

Após a unificação alemã, em 1990, sucessivos governos mantiveram esta política baseada em princípios normativos cujos objetivos continuavam a ser a preservação da paz e da segurança internacionais, a integração europeia e o relacionamento multilateralista transatlântico. Apesar das mudanças que ocorreram no contexto euroatlântico, os decisores alemães mantiveram-se fiéis à lógica fundacional da RFA, ou seja, uma preferência contínua por meios não militares e uma relutância no uso da força militar em intervenções internacionais. (DAEHNHARDT, 2013)

Até então, o artigo 87^a da Lei Fundamental da República Federal da Alemanha limitava a atuação da *Bundeswehr* apenas na defesa do território da Alemanha Ocidental. A participação da Alemanha na aplicação militar da zona de exclusão aérea sobre a Bósnia foi impactante na reformulação jurídica da política externa da própria Alemanha.

Devido a memória histórica da Alemanha nazista e as desconfianças ainda persistentes do rearmamento alemão no pós-guerra, a participação de tropas da *Bundeswehr* em intervenções militares

internacionais refletia a relutância alemã no uso da força da política de segurança. Patricia Daehnhardt acrescenta ainda que,

persistem paradoxos na política externa alemã, que se refletem principalmente na sua política de segurança, entre uma Alemanha que se consolidou como a potência central europeia, como se verifica atualmente na crise da zona euro, e na sua capacidade econômico-financeira de resistir a essa crise e emergir como potência geoeconômica, por um lado, e, por outro, o desconforto evidente na afirmação de uma política de segurança e defesa mais assertiva, que passaria pela definição e cumprimento de uma estratégia de segurança – que a Alemanha não possui. (2013)

Cientistas políticos alemães chamam esse paradoxo na política externa alemã de *Kultur der Zurückhaltung* (cultura da discrição) para justificar as reservas da Alemanha quanto a sua participação em intervenções militares internacionais.

A Alemanha foi o último membro da OTAN a decidir participar da intervenção militar na Iugoslávia e a aprovação de um mandato do *Bundestag* (Parlamento alemão) para a participação da *Bundeswehr* na intervenção militar da OTAN contra a Sérvia ocorreu em outubro de 1998.

A intervenção militar da OTAN na Iugoslávia teve início em março de 1999 quando fracassaram as tentativas de negociação de paz entre os separatistas. A princípio, as ações militares da OTAN tinham como alvos instalações militares; contudo, no decorrer da guerra, instalações civis sérvias passaram também a ser alvo dos ataques militares da Organização. A *Kultur der Zurückhaltung* alemã criava alguns constrangimentos em ações de intervenções militares em operações conjuntas com a França e a Inglaterra. Sobretudo, porque um dos principais motivos que levaram a Alemanha a participar da Guerra do Kosovo foi o repúdio alemão generalizado às violações sistemáticas dos direitos humanos dos albaneses do Kosovo por parte das tropas sérvias. A Guerra do Kosovo constituiu a primeira vez que pós-1945, sob o argumento de missão humanitária, a Alemanha

participava de bombardeamentos aéreos, sobretudo, fora de seu próprio território. De acordo com Nina Werkhäuser, o vice-almirante Hans Frank, então presidente da Academia Nacional de Política de Segurança da Alemanha, afirmou que,

nessa época, estivemos envolvidos na chamada estabilização após a operação militar. Mas nunca participamos da própria. O Kosovo nos demonstrou mais uma possibilidade no espectro geral das medidas para se debelar crises. Nos demonstrou que, às vezes, é preciso recorrer a armas para pôr fim a um conflito que vem se estendendo, e assim poder retornar à estabilidade. (2004)

Nesta época, após a reunificação, a Força Aérea alemã passou a dispor de caças, como: o *Sukhoi Su-17*, o *MiG-21*, o *MiG-23*, o *MiG-29*, o *Lockheed F-104 Starfighter*, *F-4F Phantom II* e as versões *Tornado* do consórcio *Panavia*⁵. Catorze caças de reconhecimento *Tornado* da Força Aérea alemã realizaram 500 vôos e alguns destes vôos destruíram baterias antiaéreas iugoslavas.

Esta decisão representou uma mudança profunda na política de segurança alemã, ao acabar com um duplo tabu militar no retorno gradual à normalização da política externa. Ajudou os alemães a superar o legado de Auschwitz, não pela sua erradicação da memória coletiva, mas como forma de o país começar a tomar parte em operações humanitárias que poderiam envolver missões de combate. A participação no Kosovo demonstrou ainda que o poder militar se afirmou como um instrumento eficaz de política externa e poderia ser utilizado em conflitos fora da Europa. A intervenção foi um momento decisivo também para a política interna alemã pelos acesos debates em todas as

⁵ Consórcio europeu constituído pela empresa britânica Aerospace, pela alemã MBB e pela italiana Alenia Aeronautica da Itália para fabricação de uma família de caças bimotor monoplano a partir de 1979 nas seguintes versões: *Tornado IDS* (versão de ataque à superfície), *Tornado ADV* (versão de interceptação e superioridade aérea) e *Tornado ECR* (versão de reconhecimento e de combate eletrônico).

estruturas partidárias. A decisão de participação foi ainda mais relevante pelo facto de ter sido tomada pelo governo de coligação SPD-Os Verdes sob liderança do chanceler Schröder e numa missão da Aliança Atlântica que a ONU não mandatou. (DAEHNHARDT, 2013)

Os ataques da OTAN tiveram cessar fogo em junho de 1999 quando o líder iugoslavo foi capitulado. Pouco tempo depois do fim da Guerra do Kosovo, pela primeira vez um general alemão, Klaus Reinhardt, assumiu o comando de uma missão militar fora do território da OTAN.

Liberdade Duradoura⁶ é o nome oficial da Operação protagonizada pelos EUA com apoio da Inglaterra em retaliação aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 no Afeganistão. Em 20 de dezembro deste mesmo ano, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSONU) estabeleceu a missão de segurança liderada pela OTAN no Afeganistão denominada Força Internacional de Assistência para Segurança (ISAF, sigla em inglês) em que diversos países membros e não membros da OTAN, e da União Europeia participaram. A participação da Alemanha pela ISAF no Afeganistão, a princípio, tinha por propósitos a prestação de instrução e assessoria a forças de segurança do governo afegão e reconstrução de cidades. Embora a ISAF/OTAN tenha aprovado que os militares combatessem o narcotráfico no Afeganistão, o governo alemão era um dos países membros relutantes que preferiam delegar este papel à polícia afegã⁷. A *Kultur der Zurückhaltung* era testada constantemente durante a participação da Alemanha na ISAF. Em 2006, vazaram fotos de soldados alemães em patrulha local urinando e, supostamente, profanando restos mortais afegãos durante patrulha de três anos atrás. Os soldados envolvidos foram duramente criticados e punidos pelo *Bundeswehr*, pelo *Bundestag* e

⁶ *Operation Enduring Freedom*

⁷ A produção de drogas é a maior fonte de recursos dos rebeldes talibãs no Afeganistão e cada país membro da OTAN é livre para decidir se seus soldados atuarão ou não no combate ao narcotráfico. O Afeganistão é responsável por cerca de 90% da produção de ópio no mundo.

pela sociedade alemã. O maior receio do *Bundeswehr* era de que aumentassem os ataques de militantes afegãos às instalações e militares alemães em solo afegão. Em 2008, o general estadunidense David McKiernan solicitou à OTAN o emprego de aviões de vigilância *Awacs* no Afeganistão. Estes aviões são modelos *Boeing 707* modificados, equipados com um sistema especial de radar, capaz de voar a 9 mil metros de altura, permanecer até 11 horas no ar e localizar aviões numa área de mais de 300 mil quilômetros quadrados. O objetivo era empregá-los para coordenar o crescente tráfego aéreo militar e civil no Afeganistão. Os 17 aviões *Awacs* estão estacionados na cidade alemã de Geilenkirchen e um terço dos tripulantes dos quinze países membros da OTAN é alemão. Muitas foram as críticas de diversos partidos no *Bundestag*. Segundo Alexander Bonde, especialista em Defesa do partido Verde, “*com o uso dos aviões ficaria extremamente difícil distinguir entre a missão de paz da ISAF (sic) e a operação antiterrorismo Enduring Freedom*”. (DW, 2008a)

Apesar da limitação da presença alemã no Afeganistão ser de 3.500 militares e suas ações se concentrarem na região norte do país e em Cabul, os EUA pressionavam o governo alemão a enviar mais tropas e unidades de elite como pára-quedistas e helicópteros de combate em operações de guerra na região sul e na fronteira com o Paquistão. Até então, o Exército alemão não havia participado de operações ofensivas no Afeganistão. Em virtude da deteriorização da segurança na região norte do Afeganistão provocada pela crescente influência de militantes do Talibã do Uzbequistão na província de Kunduz, sob controle de tropas alemãs, em julho de 2009, nas palavras do general da *Bundeswehr*, Wolfgang Schneiderhan, “*chegou à hora de lidar com a escalada da violência no norte*” (Forças Terrestres, 2009). Essa foi a primeira vez que o Exército alemão protagonizou uma ofensiva utilizando unidades convencionais de combate desde a Segunda Guerra Mundial.

3. Políticas Públicas de Segurança e Defesa e o Planejamento Baseado em Capacidade do Bundeswehr

A política externa alemã na década de 1990 se encontrava em um paradoxo à medida que era contrária ao emprego militar da força, exceto em questões de defesa humanitária. A *Kultur der Zurückhaltung* alemã era contrária à definição de uma política estratégica de defesa externa alemã; o que criava dilemas complexos em operações militares internacionais.

Era necessária a adoção de uma nova estratégia militar que atendesse aos anseios gerais de uma nação que renegava o emprego militar da força de forma ostensiva.

O primeiro Livro Branco sobre Segurança da Alemanha foi publicado em 1994.

Em 2003, dois documentos publicados contribuíram para a criação de uma política de defesa externa e implementação de planejamento estratégico no *Bundeswehr*: o *Verteidigungspolitische Richtlinien* (Princípios Orientadores da Política de Defesa)⁸ e o *Weisung für die weiterentwicklung der Bundeswehr* (Diretiva de Desenvolvimento do *Bundeswehr*). O primeiro documento redefiniu as tarefas do *Bundeswehr*, a estrutura em que suas missões seriam realizadas, estabeleceu o princípio de que as intervenções do *Bundeswehr* seriam conduzidas exclusivamente em uma estrutura multilateral com possível exceção das operações de evacuação e resgate e, sobretudo, estabeleceu o princípio de que o *Bundeswehr* precisava de um perfil de capacidade.

Quase cinco meses depois do lançamento do documento “Princípios Orientadores da Política de Defesa”, em outubro de 2003, o governo alemão tornou pública a Diretiva de Desenvolvimento do *Bundeswehr*. Esse novo documento definiu as principais linhas dos “Princípios Orientadores da Política de Defesa”, forneceu diretrizes ao inspetor geral do *Bundeswehr*, definiu a data

⁸ Analogamente, é possível afirmar que “Princípios orientadores do Bundeswehr” é equivalente ao Livro Branco de Defesa da França ou ao Livro Branco de Defesa do Brasil.

que seria publicado o novo conceito do *Bundeswehr* e o Plano da *Bundeswehr* 2005, definiu o teto do orçamento da defesa até 2007, o formato do Exército alemão e proveu as diretrizes gerais do desenvolvimento do Exército alemão.

Após as publicações destes documentos, os planejamentos estratégicos da OTAN e da União Europeia são tomados como norte pelo governo alemão na implementação do novo conceito e do planejamento estratégico do *Bundeswehr* com foco tanto na modernização das Forças Armadas quanto nas restrições orçamentárias alemãs. Em agosto de 2004, o governo alemão tornou público o documento intitulado “*Die Konzeption der Bundeswehr*” (O conceito da *Bundeswehr*), no qual, em carta introdutória, o então ministro da Defesa alemão, Peter Struck, afirmou o seguinte:

Este documento é o documento básico para a concepção geral da defesa militar e, como tal, a diretiva básica relativa ao cumprimento da missão do *Bundeswehr* e à evolução deste último. Esta diretiva baseia-se na missão *Bundeswehr* definida nas Diretrizes de Política de Defesa de 21 de maio de 2003, bem como no novo perfil e equilíbrio de tarefas. Ele define as diretrizes, os princípios e as diretrizes operacionais para o cumprimento da missão, traduzindo em capacidades concretas, estruturas e planejando minha diretiva de 1º de outubro de 2003. (MATELLY, LIBERTI, 2005, 9)

Este é o documento mais importante do *Bundeswehr*, no qual são determinadas as linhas básicas da concepção geral da defesa militar da Alemanha, é de longo prazo e é empregado por todos os militares e civis do *Bundeswehr*. Além de fornecer análise geoestratégica dos princípios orientadores do *Bundeswehr*, este documento apresenta as missões da política externa da Alemanha no âmbito da União Europeia, as quais são: assegurar a capacidade de ação da Alemanha no campo da política externa, contribuir para a estabilidade no contexto europeu e global e garantir a segurança e defesa nacional, e contribuir para a defesa dos aliados. Já as tarefas do *Bundeswehr* previstas neste documento são: prevenção de conflitos e

gestão de crises em nível internacional, incluindo a luta contra o terrorismo internacional, apoio aliado, proteção da Alemanha e de seus cidadãos, operações de resgate e evacuação, parcerias e cooperação, e serviços de assistência, tais como assistência administrativa, desastres naturais e acidentes graves.

Em termos gerais, é evidente a partir dos documentos preliminares que a análise prospectiva estratégica da Alemanha se baseia amplamente na análise prospectiva estratégica da OTAN e da União Europeia. No máximo, há ênfase no curso de ação, prevenção de conflitos e gerenciamento de crises, pois esse modo de ação corresponde culturalmente à visão de segurança internacional da Alemanha, que é relutante a qualquer prática de poder que dependa de operações de alta intensidade. (MATELLY, LIBERTI, 2005, 10)

Após o impacto das experiências em missões militares, em especial, a Guerra do Kosovo e constatar que todas as considerações destes documentos exigiam um processo de Transformação do *Bundeswehr*⁹, o Conceito Estratégico estabeleceu que o novo modelo de Exército alemão seria definido por seis capacidades:

- a capacidade de comando;
 - inteligência e reconhecimento;
 - mobilidade;
 - eficiência operacional;
 - Suporte e capacidade de durar;
 - Sobrevivência e proteção.
- (MATELLY, LIBERTI, 2005, 10)

Segundo Matelly e Liberti, o conceito de capacidade militar do *Bundeswehr* se assemelha ao da França, e apontaram haver subcapacidades dentro destas seis capacidades, tais como projeção estratégica, pesquisa de inteligência em todo o mundo e sistemas de comando interoperáveis e eficientes. (MATELLY, LIBERTI, 2005, 10-11)

O envolvimento do Ministério da Defesa alemão na aquisição de modelos de

⁹ Será trabalhado mais a frente do texto.

avião *Airbus A400M*¹⁰ via consórcio europeu, como demonstrado a seguir por Martelly e Liberti, se tornou um divisor de águas na implementação do PBC nas Forças Armadas alemãs.

Mais prosaicamente, esse novo planejamento também resulta das dificuldades orçamentárias da Alemanha. O procedimento foi iniciado imediatamente após as eleições parlamentares de 2002, quando a maioria do SPD foi confirmada, bem como o novo ministro da Defesa Peter Struck, que sucedeu Rudolf Scharping em julho de 2002. Também há aqui o desejo de ruptura com o ministro anterior considerado responsável, em especial, por ter assumido compromissos com o A-400M fora de proporção com a disponibilidade financeira do país. (2005, 7)

Em 2002, Rudolf Scharping, ministro da Defesa do governo alemão (1998–2002) teve atrito com os partidos de oposição ao se comprometer em realizar a aquisição de 33 unidades do avião *Airbus A400M* do consórcio europeu que envolvia a princípio sete países membros da OTAN, além das 40 unidades já previstas em orçamento pelo *Bundestag*. Estes novos modelos de transporte militar tático iriam substituir os aviões de transporte *Transall*¹¹. Cada unidade custaria ao governo alemão 79,7 milhões de euros; porém, os custos se elevaram em 117 milhões de euros incluindo formação de pessoal e peças de reposição. As 40 unidades do *A400M* já estavam previstas no orçamento de 2002 pelo custo de 5,1 bilhões de euros. A compra das outras 33 unidades ao custo de 3,5 bilhões de euros somente seria aprovado pelo *Bundestag* no orçamento de 2003. Mesmo não sendo contrária a aquisição dos novos modelos *A400M*, a oposição protestou no

¹⁰ O *A400M* tem capacidade para transportar 37 toneladas de carga voando a cerca de 780 km/h, pode ser abastecido em pleno vôo, tem capacidade para transportar um helicóptero ou 120 soldados, inclusive equipamentos e sua autonomia de vôo, carregado com 30 toneladas, pode atingir até 4.400 quilômetros.

¹¹ O primeiro protótipo deste modelo voou pela primeira vez em 1963, e o *Bundeswehr* possuía 84 unidades do *Transall*.

Tribunal Federal Constitucional. Criticando o excessivo custo do novo modelo aos cofres públicos e alegando que os grandes beneficiários seriam a Inglaterra e a França. Segundo a oposição, por ser nestes países que as partes mais relevantes e, na Espanha, onde seriam montadas as unidades, a Alemanha estava sendo prejudicada. Em 2003, o novo ministro da Defesa alemão, Peter Struck (2003-2005), se comprometeu com a redução de programas de armamentos e do efetivo pessoal, com a renovação de material já obsoleto e com excessivos gastos de manutenção. O ministro reduziu a encomenda de mísseis *Iris-T* e *Meteor* previstos para armar os 180 modelos de caças *Eurofighter*, negociou com os parceiros europeus a redução da aquisição de 73 para 60 aviões *A400M*, centralizou a nova frota de helicópteros de transporte *NH90* do *Bundeswehr* para que sejam empregados pelas três Forças Armadas e também, eventualmente, em operações de guerras assimétricas e em socorro a tripulações de aviões derrubados.

No Exército alemão, a nova tipologia orientada para o desenvolvimento de armamentos conjuntos teve como foco as Forças de Intervenção que passaram a dispor de 35 mil militares altamente operacionais e equipados com tecnologias modernas para guerra em rede, Forças de Estabilização passando a dispor de 70 mil militares que só poderiam intervir em operações de baixa e média intensidade, e que não requeriam redes tão complexas como as Forças de Intervenção; e Forças de Apoio dispo de 147.500 militares.

A mecanização e a criação da Divisão de Blindados do Exército alemão originaram a *Blitzkrieg*.¹² Desde o emprego tático da *Blitzkrieg* na 2ª Guerra Mundial, coordenando ataques de unidades blindadas apoiadas pela aviação com rapidez, violência e força, abrindo as linhas de defesa inimiga e cercando tropas inimigas até conseguir levar o combate a toda a sua profundidade paralisando-o e aniquilando-o, a mobilidade estratégica se manteve como uma das principais capacidades operacionais militares

¹² Popularmente conhecida como guerra relâmpago.

do Exército alemão até os dias de hoje. A indústria alemã de fabricação de blindados também se manteve ativa no mercado de defesa em plena Guerra Fria. Exemplo disso é o consórcio europeu constituído pelas empresas *Porsche*, *Rheinmetall* e *Borgward* que projetou a partir de 1956, e fabricou a partir de 1964, várias versões da família de blindados *Leopard*. O projeto do *Leopard* foi implementado no Exército da Alemanha Ocidental para substituir os blindados *M47* e *M48*. No total, foram construídas cerca de 6.400 versões do *Leopard* das quais mais de 4.700 eram de emprego de guerra. Além do Exército alemão, outros países ainda operam versões modernizadas do *Leopard*, tais como os Exércitos da Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, Dinamarca, Grécia, Itália, Noruega, Países Baixos e Turquia. O *Leopard* se tornou um padrão das forças militares europeias e, em muitas ações, serviu como o principal blindado de guerra em operações lideradas por países europeus até sua aposentadoria.

O consórcio de empresas alemãs, agora denominado *Krauss-Maffei Wegmann* (KMW), que desenvolveu os *Leopard*, também desenvolveu as famílias de blindados de combate antiaéreo *Flakpanzer Gepard* e de infantaria *Puma*. Em outubro de 2019, a *KMW* anunciou a entrega da versão mais recente do *Leopard 2A7V* ao *Bundeswehr*. O aprimoramento desta versão de blindado está associado às experiências, às ações e lições absorvidas pelo emprego de versões antigas dos *Leopard* por nações amigas em ações de intervenção da OTAN, como Canadá e Dinamarca, na linha de frente da guerra no Afeganistão sob condições extremas. De acordo com a *KMW*, as principais funcionalidades do novo *Leopard 2A7V* são:

- Proteção total passiva da tripulação contra ameaças como bombas na estrada, minas e fogo de bazuca,
- Interface para anexar implementos, como um arado de mina, rolo de mina ou uma lâmina de trator para limpar minas, armadilhas ou construção de detritos bloqueando as estradas,
- Sistema de refrigeração para a torre e o chassi,

- Geradores de energia adicionais com classificação de potência aumentada para missões de ponto de verificação,
- Interface de comunicação no exterior do veículo para forças desmontadas,
- Visão noturna combinada do motorista (termovisor / intensificador de imagem) para visão frontal e traseira,
- Optoeletrônica aprimorada (dia / noite) para reconhecimento a longas distâncias;
- Conceito de usuário digitalizado e multifuncional¹³.

O impacto da definição por capacidade na Força Aérea alemã reorientou para quatro unidades operacionais, três grupos de transporte aéreo, três esquadrões de mísseis terra-ar como parte da defesa aérea expandida¹⁴, o número de treinamentos que fornecem comando operacional é reduzido para três e uma capacidade projetável de monitoramento do espaço aéreo foi implementada.

A Alemanha faz parte do consórcio europeu para desenvolvimento do futuro caça de sexta geração. Este novo modelo de caça combina uma ampla gama de elementos integrados, interconectados e interoperáveis, como drones, mísseis, nuvem de combate aéreo e inteligência artificial. O objetivo da Força Aérea é substituir os caças *Panavia Tornado*. Porém, a Força Aérea alemã pretende iniciar a substituição dos caças *Panavia Tornado* a partir de 2025 e a previsão de que os novos caças estejam operacionais entre 2030 e 2040. Especialistas acreditam que a Alemanha realize compras de oportunidades de modelos *F-35 Lightning II* de quinta geração da empresa estadunidense *Lockheed Martin* ou de mais modelos de caças multipropósito *Eurofighter Typhoon*. A Alemanha dispõe de 143 unidades de *Eurofighter Typhoon*. Este modelo de caça de quarta geração foi desenvolvido por meio de um consórcio na década de 1990, que envolveu empresas da Inglaterra, Alemanha, Itália e Espanha. Dos caças que a Força Aérea

¹³ Para consultar as características do *Leopard 2A7V*, acesse aqui: <https://www.kmweg.com/home/tracked-vehicles/main-battle-tanks/leopard-2-a7/product-information.html>

¹⁴ O termo “defesa aérea expandida” refere-se à terminologia da OTAN.

dispõe, de fato, o salto tecnológico entre o *Panavia Tornado* e *Eurofighter Typhoon*, e o novo caça de sexta geração é alto e exigirá reorientações de capacidades e subcapacidades.

Na Marinha alemã, as capacidades reorientaram as cinco frotas em duas frotas compostas de materiais idênticos, as forças operacionais passaram a ser compostas por essas duas frotas para operações de intervenção e estabilização, a frota aérea naval e o segundo esquadrão aéreo naval foram dissolvidos, a guerra naval, desde a terceira dimensão, passou a pertencer à Força Aérea alemã.

Em 2007, a Marinha da Alemanha havia encomendado a construção de quatro fragatas *F125* da classe *Baden-Wurtemberg* para substituir as fragatas *F122* da classe *Bremen*. Estas fragatas terão habilidades essenciais

- para uso mundial por um longo período (uso intensivo)
- participar e liderar associações nacionais e multinacionais
- participar e conduzir operações marítimas de intensidade média / baixa, como operações de evacuação ou assistência marítima (opções flexíveis de ação). (DEUTSCHE MARINE, 2017)

Cerca de 80% do comércio alemão é realizado pelo mar. Depois que um petroleiro alemão foi atacado por terroristas no Estreito de Ormuz em 2002, a modernização na Marinha deveria incluir o desenvolvimento de navios que garantissem a segurança do suprimento de energia, de matérias-primas e do livre comércio nos mares.

As novas fragatas *F125* da classe *Baden-Wurtemberg* estão sendo otimizadas para implantações distantes contra ameaças assimétricas, terão maior capacidade tática de longo alcance para promover ataques contra instalações terrestres, serão capazes de se manter no mar dois anos sem necessidade de voltar à uma base¹⁵, disporão de alojamento e apoio de pessoal especializado, redução do tamanho da equipe, adoção de um conceito de

¹⁵ As novas fragatas conseguem se manter em operação no mar duas vezes mais as da classe *Bremen*.

equipe múltipla e são projetadas com armas não letais. Contudo, o cronograma de entrega das fragatas foi alterado diversas vezes.¹⁶

Uma inovação que esta fragata representa na Marinha é o conceito de equipe múltipla. O destacamento de um navio até a área de operação leva, no mínimo, seis semanas. Para que as fragatas *F125* cumpram a missão de permanecer em operação no mar por dois anos, elas não podem sofrer grandes manutenções programadas. Apenas a tripulação deve ser trocada, em média, a cada quatro meses. A meta é que no futuro, oito equipes liderem os quatro navios em turnos e com a implementação de ampla automação, a tripulação necessária para operar os navios pode ser reduzida para 120 pessoas. Os tripulantes que não estiverem destacados a bordo dos navios servirão no local da base naval de Wilhelmshaven, na costa do mar do Norte da Baixa Saxônia e, após findada suas missões, participarão de treinamentos e instruções necessárias.

Outro conceito inovador nas novas fragatas é o do sistema de armas com flexibilidade nas ações fornecida pelo embarque de helicópteros a bordo, forças especializadas, líderes de associações e funcionários e tem a capacidade de ser integrado a vários navios de guerra. Estas fragatas são capacitadas para transportar forças especiais, melhorar a proteção de comboios, transportar feridos e evacuar pessoas. As fragatas empregam armas leves até a torre com 127 mm e mísseis para combate contra alvos marítimos e aéreos; porém, quase todas as armas a bordo são controladas remotamente para evitar que o atirador não se exponha a nenhum perigo imediato ao disparar.

Somente em abril de 2019, após sucessivos atrasos na entrega o Escritório Federal de Equipamento das Forças Armadas, Tecnologia da Informação e Suporte em Serviço (BAAINBw)¹⁷ recebeu oficialmente

¹⁶ A data prevista no cronograma para a entrega da primeira fragata era 2014; mas, foi suspensa. Em 2016, após testes de mar, foram identificados problemas de software e hardware e novamente a unidade voltou para o estaleiro.

¹⁷ O BAAINBw é equivalente a recém criada Agência de Inovação de Defesa da França.

a primeira fragata da classe F125. O BAAINBw é fruto da fusão entre o Escritório Federal de Tecnologia e Defesa (BWB, sigla em alemão) e o Escritório Federal de Gerenciamento de Informação e Tecnologia da Informação (BWI, sigla em alemão), em 2012. Além da missão de equipar o Bundeswehr com sistemas modernos de armas, considerando aspectos como eficiência e custo, tem a atribuição de desenvolver, avaliar e promover a aquisição de sistemas de armas.

Em 2016, o governo alemão atualizou e relançou o documento “O conceito do Bundeswehr”. Segundo este novo documento, os princípios básicos de *design* e orientação do Bundeswehr são os seguintes:

- Multinacionalidade e integração
- Flexibilidade e agilidade com um único conjunto de forças,
- Pensar e agir em uma abordagem em rede,
- Orientação da missão,
- Resiliência e segurança preditiva a longo prazo,
- Auto-imagem conjunta Bundeswehr;
- Controle de acordo com efeito e economia. ([Alemanha], 2016, 11)

Neste sentido, como é possível constatar na modernização de armas e sistemas de armas em todas as Forças Armadas da Alemanha, a palavra “*interoperabilidade*” continua sendo nas projeções da guerra do futuro, a mais empregada nas políticas públicas de defesa, e na atualização das capacidades militares do *Bundeswehr*.

4. Transformação da Defesa no Bundeswehr

O *Bundeswehr* é o encarregado da prontidão de combate, da análise das capacidades conjuntas e da identificação centralizada de requisitos. Por a guerra ter assumido a forma de operações conjuntas que combinam redes complexas de sistemas, a Alemanha sentiu a necessidade de iniciar o processo de Transformação da Defesa. Segundo planos orçamentários de 2019, “*a Alemanha empenha pouco mais de 1,4% da produção em defesa*” (SPUTNIK, 2019).

No teatro de operações militares, a Transformação da Defesa tem como parâmetro as inovações conceituais sobre operações conjuntas com base em rigorosas condições de simulação de combate nas instalações nacionais de treinamento e nas lições aprendidas nas guerras globais recentes com foco no terrorismo. (CORRÊA, 2019, 25)

Um dos pontos centrais do processo de Transformação do *Bundeswehr* é a guerra centrada em rede, na qual “*a conexão em rede dos recursos de TI de todos os players é um pré-requisito vital*”. (THEILE, 2005) Conceitos como guerra centrada em rede representa uma total ruptura com a doutrina militar da Guerra Fria e exige pré-requisitos, como aquisição ou desenvolvimento de armas, que desafiam as capacidades da indústria de defesa. O Escritório de Transformação dos EUA, por exemplo, fomenta que indústrias, pesquisadores e militares desenvolvam conceitos, processos, capacidades, tecnologias e estruturas organizacionais em conjunto.

O drone de reconhecimento que foi rapidamente convertido em uma plataforma de armas para operações no Oriente Médio é um bom exemplo dessa nova forma de cooperação. (THEILE, 2005)

O termo Conceito, Desenvolvimento e Experimentação (CD&E) foi criado para descrever uma nova abordagem para Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) em tecnologia de defesa que envolve a combinação de sistemas militares com modelos numéricos e tecnologia de simulação.

No processo de CD&E, a experiência militar e industrial se reúne desde a fase conceitual. O processo pode abranger estudos, seminários, simulações e exercícios usando sistemas em rede e simuladores. Do ponto de vista jurídico, essa cooperação estreita entre a indústria de defesa e as Forças Armadas é altamente problemática na Alemanha. Outras nações não têm esse problema. No concurso para equipar as Forças Armadas transformadas do mundo, a

competitividade da indústria de defesa alemã dependerá muito da medida em que esses obstáculos legais possam ser superados. (THEILE, 2005)

Em virtude da natureza complexa dos conflitos militares contemporâneos, da necessidade de modernização, pela deficiência orçamentária e pelo dilema provocado pela *Kultur der Zurückhaltung* em operações militares externas, o processo de transformação da defesa do *Bundeswehr* teve que se alinhar ao processo de Transformação da Defesa, sobretudo, da OTAN e dos EUA. A fim de garantir um mínimo de investimento em defesa para manter a interoperabilidade das Forças Armadas dos países membros era necessário, por exemplo, promover a fusão de empresas europeias, desenvolver tecnologias que pudessem ser compartilhadas, alinhar a estrutura, as capacidades e a doutrina dos países europeus da Aliança, estabelecer comandos conjuntos das operações, evolução organizacional, reestruturar funções, etc.

No caso de comandos conjuntos das operações, Bruna Rohr Reisdorfer destaca, por exemplo, que, embora os atuais comandos operacionais da OTAN, como o Quartel General do Comando da Força Conjunta Brunssum, o Quartel General do Comando da Força Conjunta Nápoles e Quartel General do Comando da Força Conjunta Lisboa, exerçam papel político de influência e controle da doutrina europeia aos preceitos da OTAN, não exercem papel efetivo no planejamento operacional. São os Corpos Aliados de Reação Rápida (ARRC, sigla em inglês) que

traçam os seus próprios planos operacionais para atuação no Afeganistão, os quais são somente reportados para o Quartel General do Comando da Força Conjunta Brunssum para conferência. (REISDOERFER, 2016, 8)

A pressão dos EUA e da OTAN em 2008 para que a Alemanha enviase mais tropas de combate para o Afeganistão era grande. Em junho de 2008, pela primeira vez o Exército alemão assumiu o comando da Força de Reação Rápida (RRF, sigla em inglês) no Afeganistão. A RRF se tornou o

principal suporte do *Bundeswehr* no Afeganistão. De modo geral, todos os militares alemães enviados para missões no exterior podem combater. Em apoio aos militares afegãos, a RRF tem a função de localizar e prender rebeldes, atacar posições dos Talibãs, obrigando-os a recuar e libertar militares aprisionados pelos rebeldes. A RRF sob liderança alemã funcionava como Força de Contenção e, em 2008, era constituída por um batalhão com 200 militares alemães com armas leves e blindados. Considerando a *Kultur der Zurückhaltung*, a liderança alemã de RRF representava um grande desafio. Nas palavras do então major Hans Lothas Domröse,

Há uma grande diferença entre passar por cima de uma mina de plástico durante uma manobra e uma operação em espaço real com explosivos de verdade. Uma coisa é manobra, outra coisa é situação concreta. (DW, 2008b)

Em agosto deste mesmo ano, um atentado suicida no Afeganistão matou um e feriu dois soldados do Exército alemão e, no mês seguinte, uma patrulha alemã voltou a ser alvo de outro atentado no Afeganistão, nas proximidades de Kunduz, em que uma explosão provocou danos nos veículos sem provocar mortes ou feridos. Apesar destes atentados contra a RRF, os objetivos da presença alemã no Afeganistão se materializaram entre outras metas, reconstruir o centro histórico e instalação de uma rede de água potável na cidade de Herat, no oeste do Afeganistão.

Em 2009, houve uma ofensiva alemã contra rebeldes do Talibã no Afeganistão. Desde então, a participação de militares alemães em tarefas de reconstrução no país praticamente paralisou. Em 2011, a chanceler Angela Merkel (2005-) anunciou o aumento de contingente de 280 para 1.400 militares alemães e um ainda maior engajamento militar alemão no treinamento das forças de segurança do Afeganistão. O número de treinadores de policiais também aumentou de 123 para 200, o que possibilitou a formação de 5 mil policiais afegãos por ano. A meta era delegar totalmente as tarefas de treinamento aos afegãos até o final de 2011, e que até

2014, o governo afegão assumisse a responsabilidade sobre a segurança no país. O objetivo traçado por Merkel visava retirar tropas alemãs do Afeganistão em 2014 não se concretizou e, atualmente, a Alemanha mantém cerca de 1,3 mil militares no país. Em reunião de mulheres do partido União Democrata-Cristã (CDU, sigla em alemão), a atual ministra da Defesa, Annegret Kramp-Karrebauer (2019-), afirmou o seguinte:

Estou preocupada que, se abandonarmos nossa responsabilidade [no Afeganistão], enfrentaremos imagens horríveis de mulheres sendo apedrejadas e enforcadas, e de meninas que não poderão frequentar a escola e se casar. (SPUTNIK, 2019)

Reisdoerfer ressaltou a relevância da prevalescência do planejamento operacional do Corpos Aliados de Reação Rápida nas operações dos Quartéis Gerais do Comando da Força Conjunta da OTAN e o fomento ao contato de funcionários europeus entre os níveis da guerra, estratégico, operacional e tático, com as forças nacionais na construção de uma rede transnacional de profissionais no processo de Transformação da Defesa.

A Alemanha é o quarto maior contribuinte ao orçamento das missões de paz estabelecidas pela ONU na África e na Ásia e há muitos anos o governo alemão tem defendido a reforma do CSONU com a inclusão de novos membros, incluindo a adesão da Alemanha com assento permanente neste Conselho. De acordo com Heiko Maas, atual ministro alemão dos Negócios Estrangeiros,

mesmo que seja difícil, não nos cansaremos de colocar este tema na agenda. Falou-se em reformas por muito tempo sem que tenha sido feito nenhum progresso. Por isso, estamos a concertar esforços juntamente com o Japão e o Brasil para conseguirmos obter um lugar permanente no Conselho. (DW, 2018)

O *Bundeswehr* tem o seu próprio planejamento operacional em missões militares no exterior independente de sua participação em coalizões ou operações promovidas por organismos internacionais.

Atualmente, tanto o processo de transformação da defesa quanto as atualizações do planejamento estratégico estão moldados para missões de paz e operações humanitárias, o combate ao terrorismo, à resolução de conflitos regionais e garantia da proteção dos direitos humanos e do livre comércio.

5. Considerações finais

A história da Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial é indissociável da história de criação da OTAN. Desde que a Guerra Fria se encerrou muitas foram as missões militares que a Alemanha foi convidada a participar sob a tutela de organismos internacionais. Porém, era necessário conciliar a necessidade de modernização e a *Kultur der Zurückhaltung* ao orçamento das Forças Armadas alemãs. Em virtude da OTAN e da União Europeia terem adotado o PBC para racionalizar seus meios de defesa, a Alemanha reformulou suas políticas públicas de defesa e optou por adotar o PBC para definir quais capacidades e subcapacidades melhor atendiam as suas necessidades. O objetivo de tornar as Forças Armadas mais operacionais e compactas foi alcançado. Porém, o salto tecnológico e a interoperabilidade para atender as demandas das novas ameaças ainda são grandes desafios tanto para as Forças Armadas da Alemanha quanto para todas as organizações militares da Europa.

Ao racionalizar os meios de defesa compatibilizando com a realidade orçamentária do país, é possível afirmar que o PBC é parte do processo de transformação da defesa do *Bundeswehr*. Porém, este processo tem sido utilizado por sucessivos governos como instrumento de projeção política internacional.

O discurso pacifista endossado pela *Kultur der Zurückhaltung* e pela significativa contribuição em missões de paz e em intervenções humanitárias de organismos internacionais contribuem com o processo de transformação da defesa do *Bundeswehr* e

com a maior projeção política da Alemanha em processos decisórios globais.

A Alemanha defende a reforma do CSONU e o pleito histórico do Brasil por um assento permanente. Ambos os países, além de contribuírem significativamente com envio

de tropas militares em missões de paz da ONU, repudiam o uso de armas nucleares e se utilizam de seus discursos pacifistas para se projetar politicamente em fóruns de decisões políticas globais.

Referências

[Alemanha] Bundeswehr Concept. 2004. Disponível em http://www.act.nato.int/images/stories/events/2011/cde/rr_bw_concept.pdf . Acesso em 09 de dezembro de 2019.

[Alemanha] Die Konzeption der Bundeswehr Ausgewählte Grundlinien der Gesamtkonzeption. 2016. Disponível em <https://www.bmvg.de/resource/blob/26546/befaf450b146faa515e19328e659fa1e/20180731-broschuere-konzeption-der-bundeswehr-data.pdf> . Acesso em 09 de dezembro de 2019.

[Alemanha] Fregatte Baden-Württemberg Klasse (125). Deutsche Marine. 2017. Disponível em https://www.marine.de/portal/a/marine/start/waffenun/fregatten/badenwuerttemberg/!ut/p/z1/04_Sj9CPykssy0xPLMnMz0vMAfIjo8zinSx8QnyMLI2MXNzNjQ0cAy2CHc1cjA0M3Az0wwkpiAJKG-AAjgb6wSmp-pFAM8xxm2GqH6wfpR-ViVWWKFXkF9UkpNaopeYDhKhfMrgY15K TmpAfrIjRKAgn6LcoNxREQBjFJ4r/dz/d5/L2dBISEvZ0FBIS9nQSEh/#Z7_B8LTL2922DG730AQ8SA6D300F5 . Acesso em 09 de dezembro de 2019.

1954: Alemanha convidada a ingressar na Otan. DW. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/1954-alemanha-convidada-a-ingressar-na-otan/a-659685> . Acesso em 09 de dezembro de 2019.

Alemanha adverte contra retirada de tropas da OTAN do Afeganistão. Sputnik, 14 de setembro de 2019. Disponível em https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/2019091414517112-alemanha-adverte-contra-retirada-tropas-da-otan-do-afeganistao/ . Acesso em 09 de dezembro de 2019.

Alemanha assume comando de Força de Reação Rápida no Afeganistão. DW, 30 de junho de 2008b. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-assume-comando-de-for%C3%A7a-de-rea%C3%A7%C3%A3o-r%C3%A1pida-no-afeganist%C3%A3o/a-3449763> . Acesso em 09 de dezembro de 2019.

Alemanha no Conselho de Segurança da ONU a partir de janeiro. DW, 29 de dezembro de 2018. Disponível em <https://www.dw.com/pt-002/alemanha-no-conselho-de-seguran%C3%A7a-da-onu-a-partir-de-janeiro/a-46894513> . Acesso em 09 de dezembro de 2019.

Analysis: Germany's New Armed Forces. Space War. 2005. Disponível em <http://www.spacewar.com/news/europe-05m.html> . Acesso em 09 de dezembro de 2019.

CORRÊA, Fernanda das Graças. Transformação da Defesa e Planejamento Baseado em Capacidade: o caso das Forças Armadas chilenas. Revista Análise Estratégica. Vol 13 (3) Jun / Ago 2019. Disponível em <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEExAE/article/view/2589/2052>. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

DAEHNHARDT, Patrícia. A Alemanha e as intervenções militares internacionais persistência da Kultur der Zurückhaltung. Revista de Relações Internacionais, Nº 40, Lisboa. Dez de 2013. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-91992013000400009&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

Germany's Military Transformation. <https://www.defenseindustrydaily.com/germanys-military-transformation-02752/> Acesso em 09 de dezembro de 2019.

HAFTENDORN, Helga. História. A adesão da Alemanha à OTAN: 50 anos depois. 2005. Disponível em <https://www.nato.int/docu/review/2005/issue2/portuguese/history.html>. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

Kosovo: primeira missão de guerra da Alemanha há 5 anos. DW, 23 de março de 2004. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/kosovo-primeira-miss%C3%A3o-de-guerra-da-alemanha-h%C3%A1-5-anos/a-1149978>. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

MATELLY, Sylvie. LIBERTI, Fabio. Analyse comparée des planifications capacitaires par pays de l'Union européenne et perspectives pour des orientations communes dans Le cadre de la PESD et impacts sur les programmations nationales. Marché public passe selon une procédure adaptée n° 2004/005. Septembre 2005. Disponível em https://www.iris-france.org/wp-content/uploads/2014/11/2005_planification.pdf. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

NAUMANN, Klaus. Germany in a War of Transformation. Security Politics and Military Policy during and after the Afghanistan Mission. Disponível em <https://www.his-online.de/en/research/project-details/projects/germany-in-a-war-of-transformation/>. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

Ofensiva alemã no Afeganistão. Forças Terrestres, quatro de agosto de 2009. Disponível em <https://www.forte.jor.br/2009/08/04/ofensiva-alema-no-afeganistao/>. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

PADRÓS, Enrique Serra. Kosovo: a desintegração do mosaico. Revista Indicadores Econômicos - FEE, 1999. Disponível em <https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/download/1797/2164>. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

Proposta de enviar aviões Awacs ao Afeganistão é criticada na Alemanha. DW, 31 de julho de 2008a. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/proposta-de-enviar-avi%C3%B5es-awacs-ao-afeganist%C3%A3o-%C3%A9-criticada-na-alemanha/a-3528694>. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

REISDOERFER, Bruna Rohr. A transformação das Forças Armadas europeias no período pós-Guerra Fria: reflexos na cooperação em defesa. IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa. Florianópolis, 06 - 08 de Julho de 2016. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Bruna_Reisdoerfer/publication/327058307_A_Transformacao_das_Forcas_Armadas_Europeias_no_Periodo_Pos-Guerra_Fria_Reflexos_na_Cooperacao_em_Defesa/links/5b75aa3aa6fdcc87df8169dd/A-Transformacao-das-Forcas-Armadas-Europeias-no-Periodo-Pos-Guerra-Fria-Reflexos-na-Cooperacao-em-Defesa.pdf. Acesso em 09 de dezembro de 2019.

THEILE, Burkhard. The Defence Technology Industry in a Time of Force Transformation and Internationalization. Defense Aerospace. Julho de 2005. Disponível em <http://www.defense-aerospace.com/cgi-bin/client/modele.pl?prod=59978&session=dae.15611238.1124927958.Qw0J1sOa9dUAAFJK6@A&modele=verbatim>. Acesso em 09 de dezembro de 2019.